

NAS MARGENS DO CADERNO

**PSEUDÔNIMO: VOU LANÇAR UM MISSIL.
O ALVO É UM AVIÃO DA KOREAN AIR LINES.**

Alan de Freitas Passos

Curso de Mestrado - Filosofia
- Faculdade de Filosofia e
Ciências Humanas

«A hora do encontro é também
Despedida
A plataforma dessa estação
É a vida desse meu lugar
É a vida desse meu lugar
É a vida»
(Milton Nascimento/Fernando Brant)

Ontem aprendi que sou um movimento do Nada ao Nada. Isto no primeiro horário, porque no segundo convenceram-me de que meu ego é uma ilusão. Ensinam-me coisas muito interessantes aqui. Anoto-as neste caderno de capa dura estampada com retângulos coloridos separados por grossas linhas negras. Será alguma inspiração cubista? De todo modo parece ser mais indicado para receber tão complexas elucubrações, pois muitas pessoas na turma possuem cadernos como este, às vezes também com fotografias de cavalos na capa. Nas margens deste escrevo e rabisco, anoto algum telefone ou endereço. Escrevo e rabisco também nas carteiras e paredes. Será um impulso mórbido? Creio que não, pois aqui as paredes não têm, segundo a velha metáfora, ouvidos: elas falam, tagarelam sem parar. Nos murais e banheiros não escrevo, talvez pelo sutil caráter oficial dos primeiros e a descarada vocação pornográfica dos

segundos. Nos elevadores já tentei, mas a tinta não se agarra e logo as frases se dissolvem como nos quadros-negros. Nestes as palavras não se apagam com tanta facilidade, já que sempre faltam apagadores, restando aos mestres uma disputa encarniçada pelos remanescentes e imaginosa improvisação com lenços, trapos, jornais velhos. Falta de verbas, sempre. Estou no último andar de um prédio velho que já ameaçou desabar. É o oitavo pavimento, onde funcionam as faculdades de Filosofia e Comunicação. Aliás o suposto valor simbólico desta localização superior já foi alvo de muitas críticas, atualmente amainadas pela transferência para outro local do curso de Letras que funcionava no sexto andar, o que por outro lado provocou inúmeras reclamações entre a população masculina que ainda permanece no estabelecimento. Os críticos parecem não levar em conta o risco maior que corremos em caso de desabamento. Os elevadores não funcionam direito e sempre aprisionam alguém. O andar é formado por um corredor dividido ao meio. Nele ficam as portas das salas de aula. Numa das extremidades do corredor está a biblioteca. Gosto de me sentar próximo às janelas. Na primeira aula da tarde fico de frente para o oeste e vejo muitas casas e prédios, roupas no varal, grandes árvores e montanhas. No alto da montanha que domina a cidade neste lado há uma grande construção que sei é o noviciado. Acima dele torres de telecomunicação. Embaixo, no pátio de estacionamento da escola, os carros e as pessoas parecem de brinquedo. Avisto o bar do diretório acadêmico, freqüentado mais assiduamente pelos alunos que muitas disciplinas. Vez por outra o cheiro doce da maconha é trazido pelo vento. Lá embaixo as pessoas, minúsculas, vivem. Comum, tudo comum. Há uma quadra de esportes abandonada onde hoje operam grandes máquinas. Gostaria de poder transformá-la num ringue onde bailarinos eslavos fizessem evoluções complicadas e graciosas entre os tratores que estariam flutuando no ar para ressaltar a leveza da cena, como balões coloridos enfeitam um aniversário de criança em tarde de domingo. Eu veria tudo em panorâmica e travelling, mesmo que fosse impossível. Mas não. Não sou pirotécnico. Não poderei ver condores; há pardais e pombos.

Quando estiver na outra sala estarei do outro lado do corredor, de costas para o sol. É bom ver como ele se torna vermelho ao cair mas desgraçadamente isto realça a poluição. De lá a cidade se descortina mais: piscinas, avenidas, igrejas e montanhas. Mais torres. Prédios se colocam de pé em questão de semanas e ameaçam cobrir a paisagem que intercalo com as aulas e isso me aborrece de vez em quando. O barulho das obras é que nos obriga a mudar tanto de sala. Seus operários esquentam as marmitas em carrinhos de mão onde improvisam trempes. Nada disso parece causar maior emoção aos meus colegas marxistas: rapazes altos e magros que usam cabelos e barbas longos como o próprio Marx em suas fotografias mais divulgadas, moças muito convictas e de olhar esperto. Eventualmente discutem como é que um cara que nem Hegel podia ser cristão. As paredes também discutem interminavelmente, chamam-se de cabras da Albânia e estalinistas, este juízo aparenta ser mais ofensivo que aquele. Sem papas na língua as paredes pedem a legalização de drogas, fazem propostas políticas, xingam-se, anunciam cursos de apicultura ou leitura sistemática das obras de Freud. Tenho também colegas que não são marxistas: católicos, protestantes, espíritas, ativistas da Pastoral Universitária, do Movimento Negro Unificado, muitos psiquiatras. Um que entre tantos psiquiatras declarou ser o louco. «Estou vagando por esses corredores há dez anos. Só posso ser doido». Sua amiga que se matriculou para «aprender a pensar dialeticamente». A moça que prepara tese sobre «ícones da morte no Brasil colonial» e vive metida em cemitérios e seminários. Contagiou-me algum tempo com certa tristeza pelo roubo da Matriz do Pilar. A psicóloga bronzada que usa muitas jóias e gemas, cheira a patchouli e frequenta os bares da moda, gosta de biodança e massagem reichana, está conversando no corredor com o rapaz que usa um brinco de esmeralda na orelha esquerda. Agora ir à biblioteca procurar em algum livro (dicionário? enciclopédia? dicionário de Filosofia? compêndio de História?) o significado das palavras ormazd e arhiman, que me atormentam desde que pronunciadas em aula de filosofia grega por vetusto e erudito professor que bem poderia usar cachimbo e cachecol. Tem

alguma coisa a ver com Pérsia. Aquela dos Quadrinhos: tapetes voadores, narguilés, sapatos de pontas curvas, lâmpadas maravilhosas, mil e uma noites. Não essa dos jornais, furiosa, fanática e sangrenta nação que insisto em desconhecer. Além do mais nunca compreendi bem essas civilizações antigas: persas, fenícios, egípcios, aqueus, lacedemônios... que confusão! Recorrer à bibliotecária que gosta de literatura e vai me pedir mais uma vez um conto ambientado na biblioteca, direi que ainda não «peguei» o clima, ela fingirá esquecer a multa daquele Descartes que está abandonado na minha estante há um mês, cruzar com a professora angustiada que gosta de Jorge Luís Borges e com o professor pachorrento que parece um cão São Bernardo, agora com o professor agitado e elétrico que dá a impressão de representar o tempo todo, a professora tomista, agora a senhora que vende pães de queijo e o padre que diz que não é hegeliano, agora Amália que está no curso de leitura dirigida d'O Capital, agora Amália que sai da biblioteca com as mãos cheias de livros — algum volume d'O Capital, é claro — e Bachelard e Althusser, se ao menos fosse Sartre, agora Amália que não vai conseguir equilibrar nos braços tanto comunismo de uma só vez, agora Amália que vai me pedir ajuda, logo Marx, se ao menos fosse Kierkegaard, agora Amália que, ai meu Deus, lá vai minha vaca pro brejo...

Belo Horizonte, 19 de novembro de 1983